



MINISTRO JARBAS GONÇALVES PASSARINHO

**CORONEL DE ARTILHARIA JARBAS GONÇALVES PASSARINHO (1920-2016)**

**Pela FAHIMTB**

**CEL CLAUDIO MOREIRA BENTO**

**Presidente e Fundador**

**Historiador Militar e Jornalista**

É com pesar que a Federação de Academias de História Militar Terrestre perde por falecimento, aos 96 anos de idade, e viúvo aos 67 anos, o seu patrono em vida, de sua cadeira nº 50, consagradora de sua brilhante e singular carreira militar, na qual se destacou e foi reconhecido como um dos seus mais expressivos expoentes até sua transferência para a reserva.

Nascido em **Xapuri** no Acre, aos três anos sua família transferiu-se para Belém, onde ele fez seus estudos no **Grupo Escolar Barão do Rio Branco** e a seguir o secundário no **Colégio Estadual Paes de Carvalho**, aonde despontou a sua magnífica liderança, e oratória persuasiva, ao ser eleito Presidente do Diretório de sua escola em 1936-1937. E nesta época despertou também grande escritor literato, com crônicas para o jornal **A Semana** e como integrante do Corpo Redatorial da revista **A Guarajarina**.

Sua carreira militar teve início na **Escola Preparatória de Cadetes de Porto Alegre**, onde as páginas 182/183 de nosso livro, em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis – **História de Casarão da Várzea 1885-2008**, Resende: AHIMTB/IHTRGS, 2008, assim registramos a sua passagem entre seus ex- alunos ilustres: 5 ex-presidentes, 1 ex -vice presidente, 1 Presidente de Senado Federal (Jarbas Gonçalves Passarinho) e 1 ex-Primeiro Ministro.

**“Presidente do Senado Federal Jarbas Gonçalves Passarinho: Coronel Governador do Pará (1964-1966), Senador (1966-1974, 1986, 1992/1995), Superintendente da Petrobrás, na região Amazônica, Ministro do Trabalho da Presidência Social (1967/1969), Ministro da Educação e da Cultura (1969/1974). Presidente do Senado Federal (1981), Ministro da Previdência Social (1983-1986), Ministro da Justiça (1990-1992), Sócio honorário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Doutor Honores causa da UNICAMP, membro do Conselho Superior de Orientação Política e Social da FIESP, Assessor Especial da Confederação Nacional de Indústria (CNI), articulista e escritor e patrono em vida da cadeira nº 50 de hoje Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) e ligado a sua federada a AHIMTB - Distrito Federal Marechal José Pessôa, de cujas promoções sob a presidência do General de Divisão Arnaldo Serafim participava enquanto a sua saúde o permitiu.”**

E as páginas 131/135, de nossa obra citada sobre o Casarão da Várzea, publicamos as suas memórias da Escola Preparatória de Cadetes que a seguir as reproduzimos.

## **LEMBRANÇAS DO CASARÃO DA VÁRZEA POR EX-ALUNOS MEMBROS DA AHIMTB**



### **Minhas recordações da inesquecível Escola Preparatória de Cadetes em 1939 Jarbas Passarinho**

Acima foto do aluno Jarbas Gonçalves Passarinho que, na foto ao lado de baixo, é o primeiro à esquerda, da primeira fila do conjunto de alunos representantes de cada unidade da Federação onde nasceram. Foi a melhor foto conseguida do arquivo familiar do Cel Passarinho. (Fonte Arquivo fotográfico familiar do Cel Jarbas Passarinho).

“Em 1939, inscrevi-me no Rio de Janeiro em concurso universal para ingresso na Escola Preparatória de Cadetes, também realizado em Salvador e Porto Alegre. A escola fora criada naquele ano, no "Casarão da Várzea" em substituição ao Colégio Militar, constando de três anos correspondentes ao 2º grau de hoje. Fui cursar o terceiro ano, a título de revisão, pois completara, em Belém do Pará, o Colégio Paes de Carvalho, aluno que fora do Ginásio e do Colégio, dois anos no curso Pré-Politécnico. Vinha de um educandário tradicional no Pará, mas onde prevalecia a indisciplina do Corpo Discente, que em 1932 participara de uma aventura armada, solidários com São Paulo, e com os fuzis furtados do Tiro de Guerra. Eles chegaram a dominar Belém, cujas tropas federais e estaduais haviam sido deslocadas para combater, em São Paulo a Revolução Constitucionalista

.Os estudantes universitários dominaram, inclusive, a cidade durante a noite. Frustrados ao tentar conquistar o quartel do Corpo de Bombeiros, foram vencidos ao amanhecer, e silenciada a metralhadora deixada num dos quartéis da Polícia Militar. E foi morto o seu atirador, um aluno do 4º ano do Ginásio. Faço este preâmbulo para salientar a natureza da adaptação que me esperava na Escola Preparatória de Cadetes (EPC), cujo Corpo de Alunos era constituído pelos aprovados no concurso, ex-alunos de Colégios Militares, praças do Exército e da Aeronáutica e civis. Em Belém, era comum nós, ginasianos, participarmos de greves e os professores faltarem nos horários de suas aulas.

O Exército mandou-nos do Rio para Porto Alegre por navio da famosa Companhia de Navegação Costeira, presidida pelo empresário Henrique Laje, que se tornaria, por sua ligação com a Escola Militar, oficialmente o cadete de número 1.

Ao aportar no cais do rio Guaíba, recebi de um sargento, a minha primeira lição militar. Foi o número 165, de matrícula e a ordem de, se chamado pelo número, responder pelo nome de guerra, que eu escolheria dentre meus nomes de família que constavam de minha incorporação e vice-versa.

Não sabia eu o que era nome de guerra e preferi utilizar meu sobrenome, o que me causou o primeiro contratempo, pouco depois, na Revista do Recolher.

Na minha Companhia, a 2<sup>a</sup>, um tenente fazia a chamada. Ao chegar ao número 165, respondi: Passarinho! O tenente elevou o tom de voz e voltou a chamar 165, ao que repeti, também alteando a voz, certo de que ele não me ouvira antes: - Passarinho!

Então, o Oficial, irritado, gritou comigo: **"Mandei ensinar que respondesse pelo nome de guerra e não pelo apelido!"**

No dia seguinte, lendo o quadro de aulas, vi uma observação no todo inesperada, de que em caso de chuva, determinada instrução seria dada em local abrigado. No Colégio que cursara não havia quadro de distribuição e utilização do tempo e jamais, pois, previsão de mudança de local se necessário. Começava meu aprendizado castrense. Tive conhecimento dos instrutores e professores. Chamou-me atenção o coronel professor de Geometria, disciplina que fora o espantalho no Ginásio paraense. Ele tocou o quadro negro com o giz, pediu-nos para definir ponto. Juntou os pontos sucessivamente e traçou a reta e definiu-a e assim por diante toda a Geometria Euclidiana. Uma visão sucinta, mas completa do que iríamos estudar durante o ano.

Assim travei contato com o nível dos professores que nos ensinariam as matérias exigidas pelo Concurso de Admissão à Escola Militar do Rio de Janeiro. Estávamos tão bem preparados que mesmo os que haviam sido reprovados ao fim do Curso de Revisão, mas tinham o Curso Colegial necessário a prestar o concurso, foram nela aprovados no vestibular.

De outro lado, os instrutores, todos de Infantaria, deixaram-nos capazes de indicação de sargentos, se reprovados nas matérias teóricas exigidas. O índice de aprovação ultrapassou 90% dos candidatos que cursaram a EPC em revisão, o que fez com que o Ministro Dutra liberasse do exame

intelectual todos os alunos das Escolas Preparatórias de Cadetes criadas posteriormente em Fortaleza e Campinas. Foi a melhor escola desse nível colegial que tive a ventura de cursar.

Nosso comandante, o coronel de Cavalaria Outubrino Antunes da Graça, foi, mais que um simples chefe, foi um educador excepcional. Soube, em pouco tempo, nos transformar em verdadeiros soldados.

Aliás, até setembro ou outubro de 1939, nossa graduação era de soldado, quando o Ministro da Guerra, General Dutra, mandou dar-nos posto hierárquico de nível de sub-tenente. Nunca houve um sargento ou cabo que nos faltasse à continência, especialmente nas ruas ao encontrarmos-nos, o que mostrou o grau de disciplina existente na guarnição de Porto Alegre.

Na formatura matinal aprendemos a cantar o Hino Nacional, presente o Comandante, sob a batuta de um maestro provido de diapasão. Vimos que, em verdade, não sabíamos cântaro nosso Hino, com os devidos acordes musicais.

Uma vez por semana, o Coronel Outubrino fazia uma preleção ao Corpo de Alunos, sempre discorrendo sobre um tema cívico-militar. Era ouvido com o maior respeito. Aos seus oficiais transmitia a diferença entre chefe e líder. Em pouco tempo ficamos aptos a desempenhar o exigido de sargentos no Exército.

Nas marchas longas, com equipamento e fuzil, que somavam 32 quilos, embora estafados, compreendíamos que uma das virtudes da Infantaria era não se deixar vencer pelo cansaço nem pela dor.

Em Ordem Unida ficamos irrepreensíveis. Pela primeira vez, a EPC desfilaria no 7 de Setembro, impecável, na avenida Borges de Medeiros, sob aplausos, ainda que ao toque de um único corneteiro.

Nas salas de aula, guardávamos silêncio e acompanhávamos as aulas de uma equipe de professores de quem tínhamos saudades depois. Mantínhamos, espontaneamente, um Código de Honra em que a cola nunca foi admitida por nós mesmos.

A EPC, cuja canção foi de autoria de um de nossos colegas, marcou-nos a todos ao longo da vida, seja os militares que seguiram a carreira da arma, onde chegaram alguns ao generalato, seja dos poucos que se inclinaram por profissão civil. Num caso como no outro, estávamos armados cavaleiros moralmente íntegros e orgulhosos de servir à Pátria, em qualquer circunstância a que a vida nos submetesse.

Prezado Presidente Cel Bento: aqui pude traçar as recordações mais vivas da lembrança da inesquecível escola que a aprovação em concurso me



permitiu cursar e na qual, a partir de seu Comandante, aprendi a amar o meu Brasil.

**Nota:** O Cel Jarbas Passarinho é patrono em vida da cadeira 50 da Academia de História Militar Terrestre do Brasil. Foi Governador do Pará, Ministro do Trabalho, da Educação e da Justiça, e presidiu o Senado Federal. Deixou o Serviço Ativo como Coronel de Artilharia do QEMA. Como instrutor de Artilharia na AMAN em 1951-1952, seu conceito era tamanho entre os cadetes que, à sua revelia, o elegeram Patrono da Turma formada pela AMAN, o que não aceitou por questões de ética castrense. Possui a condecoração de Comendador do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil. Foi, como cadete, o orador junto ao túmulo de Henrique Lage, consagrado como o Cadete nº 1.

A sua brilhante trajetória de vida utilíssima e exemplar foi resgatada na paginas 2613/2618 do **Dicionário Histórico- Biográfico Brasileiro 1930-1983** da Fundação Getulio Vargas coordenado por Israel Beloch e Alzira Alves de Abreu para cujos perfis de militares do Exército cooperamos com subsídios como Diretor do Arquivo Histórico do Exército. Ocupou a cadeira nº 50 e na presença de seu patrono o acadêmico Cel Diniz Esteves que então sintetizou a vida do soldado, do político e do literato inspirado .

Recordo e então confirmado pelo Cel Passarinho o seguinte evento. Por ocasião do AI-5 como aluno da ECEME fomos designados junto com então Major Jandir Verri como censores da Radio Mundial na Avenida Getúlio Vargas. E ,em lá chegando o diretor da Rádio era um coronel da Reserva e ex- paraquedista amigo do Major Jandir. E não havia problema para nossa missão, Então aproveitava- mos para confraternizar com artistas e jornalistas que lamentavam não possuírem regulamentada a sua profissão. Então lhes perguntei se dispunham de um projeto que me entregassem que o apresentaria ao então Coronel Milton Paulo Teixeira Rosa , coordenador da missão. Este nos agradeceu a iniciativa que além da difícil missão de censura aquele era um exemplo de tentativa de ajudar a classe jornalística e que ele havia entregue o Projeto ao Cel Jarbas Passarinho, Ministro da Previdência Social que por sua vez apresentara o Projeto ao Presidente Arthur da Costa e Silva e este o sancionara

A morte é destino de todos nós. Viemos a este mundo escrevemos uma História e partimos .E o Cel Passarinho escreveu uma bela e utilíssima história, como soldado, ao ponto de no caso do brilho de sua liderança como instrutor de Artilharia da AMAN ,ser eleito como oficial da AMAN como

patrono de uma de suas turmas ,o que ele declinou em tributo a Disciplina e a Hierarquia, fundamentos do Ordenamento Jurídico. Sua História é digna de ser imitada, em especial como integrante do Exército que ele muito amou e reconheceu o seu grande valor.A Federação de Academias de História Militar Terrestre sente muito a ausência de seu patrono de cadeira em vida dos quais, nesta categoria permanecem entre nós e centenários o Cel PM Edilberto de Oliveira Mello, grande historiador da Polícia Militar de São Paulo e o Contra Almirante Hélio Leôncio Martins , patrono de uma das cadeiras destinadas ao Corpo de Fuzileiros Navais, cuja História foi um dos que a escreveu.

Ao falecer o Cel Passarinho foi velado no Oratório do Soldado na Vila Militar em Brasilia e reverenciado por autoridades do Exército que ele tanto amou e honrou.



Ao lado u grande legado do Cel Passarinho aos profissionais militares das FFAA e Auxiliares o seu precioso lo e disputado livro sobre Liderança Militar, abordando Ciência Militar,Liderança Militar,Chefia, Liderança,Disciplina, Obediência,Autoridade Militar e muito procurado por leitores interessados . Publicado pela BIBLIEx 1987. Coleção General Benicio 163 páginas. ISBN 8570111282

1